

A crítica de Nietzsche à cultura ocidental a partir do significado dos ideais ascéticos

Israel Cunha Mattozo

Mestre, bacharel e licenciado em Filosofia pela Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia - FAJE

israelmattozo@yahoo.com.br

Resumo

O presente artigo tem por objetivo apresentar a crítica de Nietzsche à cultura ocidental e sua relação com os ideais ascéticos. Partimos da perspectiva nietzscheana de que a cultura ocidental vive uma decadência em função dos valores estabelecidos pela tradição. Homens que já apresentavam uma desorganização hierárquica de forças, diante do horror ao vácuo, diante da falta de sentido da existência, buscaram subterfúgios que possibilitaram alívio ao sofrimento imanente à realidade trágica e ao mesmo tempo afirmação da vontade de poder. Para tanto, apegaram-se a ideais ascéticos como referência para criar valores antinaturais e esperanças metafísicas, entre eles o conceito Deus. Diante do horror ao vácuo surge a necessidade de buscar respostas e alívio para o sofrimento. Utilizam-se, então, de uma manipulação idealizadora da vida, acreditando existir uma finalidade para toda a realidade. Surgem, com isso, os ideais ascéticos como subsídios para a construção da cultura, buscando meios de se manipular a realidade como trágica, bem como o vazio de sentido e finalidade para a existência. Dessa feita, adotamos como ponto central a análise da terceira dissertação da *Genealogia da moral* visando apresentar os ideais ascéticos e sua relação com as principais expressões culturais: arte, filosofia, religião e ciência.

Palavras-chave: filosofia da cultura, ideais ascéticos, Friedrich Nietzsche

1 Introdução

Na tentativa de compreender a realidade, a tradição filosófica, por mais de dois mil anos, desenvolveram-se várias investigações que resultaram em diferentes interpretações. Nietzsche se apresenta na história da filosofia também com a pretensão de compreender a realidade, mas sua visão assume uma perspectiva diferenciada do que até então vinha sendo apresentado. A perspectiva de Nietzsche pretende resgatar não uma realidade última exterior, mas os valores imanentes à vida humana.

Para o filósofo alemão, o sentido da vida e do mundo é imanente a eles. Ele alerta para o erro da tradição, que, ao buscar sentido fora do mundo, acabou por desprezar exatamente o que deveria ser valorizado. Dessa forma, refuta as respostas que foram apresentadas pela tradição filosófica, pela religião e até mesmo pela ciência, devido ao simples fato de que não há respostas últimas, estáticas e predeterminadas para a vida. Qualquer tentativa de buscar sentido, movida pela vontade de verdade, pela vontade de alívio ao sofrimento imanente à realidade resulta na negação da vida. O próprio conceito Deus, que surgiu como resposta última para a realidade como um todo, é resultado de uma visão equivocada da realidade, de uma perspectiva ascética. A ideia de Deus, que, para Nietzsche, não passa de um valor moral, de um conceito, surgiu através dos ideais ascéticos e possibilitou a proliferação de outros valores, reconhecidos pelo autor como decadentes, passando a ser aceitos como verdadeiros e, mais ainda, como redentores.

2 Desenvolvimento

Nietzsche assume uma perspectiva contrária aos valores que vinham sendo estabelecidos como “verdades absolutas” pela tradição ocidental e entende que, até então, todas as tentativas de se compreender a realidade não passaram de tentativas de fuga da própria realidade como perspectiva trágica.

Para tanto, apropriaram-se de ideais ascéticos em busca de respostas apressadas, em busca de um horizonte de sentido e

significados que trouxessem alívio e esperança, negando o sentimento de angústia resultante do que já se mostrara: a falta de finalidade, de sentido, o vazio da existência. É o tipo de avaliação que se faz da vida que determina se a afirmamos ou a negamos, aceitando o vazio e a eterna busca de sentido ou procurando desesperadamente se completar através de ideias metafísicas.

Mas, afinal, o que se entende por ideais ascéticos? De acordo com o estudo realizado por Vânia Dutra de Azeredo (2003), o ideal ascético:

[...] é um artifício elaborado para estancar um processo degenerativo, único encontrado para manter uma vida que se degenera. É um recurso ao qual se agarram determinados tipos para lutar pela existência. A vida que não possui vontade de viver [...] procura nesse ideal a maneira de se conservar [...]. (p. 172-173)

Apesar de instintivamente o sujeito fisiologicamente debilitado querer lutar pela vida, não há nele mais força para encarar ou aceitar o sofrimento, a angústia que a falta de sentido provoca. Para tanto, o ideal ascético é criado como instrumento que traz alívio, que possibilita a criação de valores metafísicos que passam a ser vividos no dia a dia através de expressões culturais, como a arte, a filosofia, a religião e a ciência.

O importante aqui era querer algo, não importando o que e nem para onde isso levaria. E o ideal ascético proporcionou esse horizonte de possibilidades. Independentemente da veracidade dos fatos, “a vontade mesma estava salva”. (NIETZSCHE, 1998, p. 149). Pois “o essencial é, incondicionalmente, querer. O objetivo correspondente é secundário. O nada querer é sempre ainda querer algo. O nada é, nesse sentido, esse algo em última instância e, como tal, o *faute de mieux par excellence*” (BRUSOTTI, 2000, p. 6).

No decorrer da terceira dissertação, enquanto descreve o que significam os ideais ascéticos ou o ideal ascético¹ por meio de importantes expressões culturais e do tipo sacerdotal,

¹ Assim como Marco Brusotti, entendemos que Nietzsche utiliza a ideia de ideais ascéticos no plural para se referir “a uma multiplicidade de sujeitos” ou de ideais. “O ideal ascético no singular, ao contrário, é o ideal do sacerdote ascético”. Essa distinção é baseada quando percebemos que Nietzsche, ao tratar sobre o sacerdote ascético no § 11, retoma a questão, considerando-a no singular. (BRUSOTTI, 2000, p. 9)

Nietzsche esclarece outro aspecto sobre os ideais ascéticos que já havia levantado no primeiro parágrafo: por que esse ideal negador da vida assumiu tanta importância e significado para a humanidade?²

Essa questão é respondida pelo autor na sequência da própria pergunta: “no fato de o ideal ascético haver significado tanto para o homem se expressa o dado fundamental da vontade humana, o seu *horror vacui* [horror ao vácuo]: *ele precisa de um objetivo* e preferirá ainda querer o nada a nada querer” (NIETZSCHE, 1998, p. 87-88, grifo nosso). Mas, como é característico do estilo nietzscheano, só conseguimos compreender a resposta no decorrer de toda a terceira dissertação, sempre retomando conceitos e aspectos que também se encontram em outras obras.

O *horror ao vácuo* não responde somente ao questionamento sobre por que os ideais ascéticos tiveram tamanha significação, mas também fundamenta a primeira questão levantada por Nietzsche sobre qual o significado dos ideais ascéticos: “O ideal ascético significou precisamente isto: que algo *faltava*” (NIETZSCHE, 1998, p. 148, grifo nosso). Mas, afinal, o que significam os ideais ascéticos? Como tais expressões culturais poderiam contribuir para compreendermos seus significados?

Para a arte, a verdadeira arte, os ideais ascéticos não significam “nada, ou coisas demais” (NIETZSCHE, 1998, p. 87), mas, para o artista que deveria assumir a responsabilidade criadora da realidade e se deixa levar por suas angústias e aflições, para aquele que não suporta a falta de fundamento da própria realidade, os ideais ascéticos servem como invólucro que lhe determina a condição de existência, delimitando sua visão de mundo, criando um fundamento para a realidade, indo totalmente de encontro ao que serve de inspiração ao verdadeiro artista. Este, por sua vez, reconhece os abismos da existência e suas contradições, utiliza-os como fonte inspiradora. Dessa forma, até os ideais ascéticos passam a servir como fonte de inspiração artística.

Richard Wagner, por exemplo, foi acusado por Nietzsche de “ter virado” seu oposto, de ter deixado de ser artista para ser um

² Cf. NIETZSCHE, Genealogia da moral, III, § 1, p. 87.

metafísico. Wagner teria deixado de ser artista quando deixou de ser um criador perspectivista, no sentido daqueles que entendem a realidade como um jogo de forças móvel e que, portanto, não admitem apenas um aspecto absoluto sobre a realidade, que não se apegam a determinados valores, conferindo-lhes verdades absolutas e imutáveis (MARQUES, 2003). Pois, “se as forças em relação constituem relações diversas, isso leva ao próprio perspectivismo” [...] (SOUSA, 2009, p. 120).

No caso de Wagner, Nietzsche afirma que os ideais ascéticos significam render homenagem à castidade, mesmo que tenha sido apenas em sua velhice. Wagner teria deixado de viver acima de valores e interpretações metafísicas sobre a realidade, de viver sobre o abismo, sem respostas, sem uma finalidade última e estática. Até mesmo Wagner teria sentido necessidade de um fundamento, teria cedido à *vontade de verdade* e se rendido à casta cristã.

O marco que Nietzsche aponta como a entrega wagneriana à filosofia cristã está na última ópera do compositor, *Parsifal*. Nessa peça, Wagner deixa de privilegiar os paradoxos da realidade como a “castidade e a sensualidade” ou o equilíbrio entre o “animal e o anjo”, existentes na natureza humana, para beneficiar valores cristãos que castram o que é humano, buscando saciar a ansiedade resultante dos problemas paradoxais de sua existência (ver NIETZSCHE, *Genealogia da moral*, III, § 2, p. 88).

Para Nietzsche, tais contradições, imanescentes à realidade humana, não devem ser vistas como problemas a serem superados, como aspectos da existência causadores de sofrimento e que, portanto, devem ser evitados. O organismo sadio reconhece nos paradoxos precisamente uma sedução a mais para o existir, até porque “entre castidade e sensualidade não há oposição necessária” (NIETZSCHE, 1998, p. 88). Se não há oposição, por que privilegiar um e desprezar o outro? Para o enfermo, a resposta é óbvia: para evitar o desprazer, para buscar alívio. Essa postura é que diferencia o artista verdadeiro do falso: o artista por inteiro não recrimina um ou beneficia outro, ele está acima dessas categorias valorativas; tudo serve como inspiração, tudo serve como estímulo para criar.

Para tanto, o verdadeiro artista, aquele que é inteiro e consumado, precisa sempre estar “divorciado do ‘real’, do efetivo” (NIETZSCHE, 1998, p. 91). O artista, o criador da arte, não se confunde com sua criação, são diferentes. Ele está divorciado do real na medida em que esse “real” ou essa “realidade” também foi criada, e, como todo criador, o artista está acima da sua criação, não se confunde com ela. Mas pode ocorrer que o artista se canse dessa eterna “irrealidade” da própria existência, isto é, que canse de ser criador de realidades, que queira buscar um chão firme para pisar, um fundamento, um sentido último para a vida. Esse fenômeno é chamado por Nietzsche de a “típica *veleidade* do artista” (NIETZSCHE, 1998, p. 91).

Portanto, ideal ascético para o artista é sucumbir à “realidade”, confundir-se com sua criação, negar-se como criador de perspectivas, negar a perspectiva de uma realidade trágica e paradoxal, é ceder à vontade de verdade, às finalidades metafísicas, ao *horror vacui*. É por isso que para um artista os ideais ascéticos não significam nada. Ele está acima da “realidade”, ele não se confunde com ela, ele a transcende.

Ser artista é estar só. É um trabalho solitário de criação. É ter autonomia e personalidade para encarar os paradoxos da realidade e ter forças para criar também novas perspectivas. Nietzsche critica os artistas, afirmando que até então eles só serviram para reproduzir ou difundir uma visão sobre a realidade baseada em ideais ascéticos. Afirma que os artistas não conseguem viver sozinhos, pois estar só “vai de encontro a seus instintos mais profundos” (NIETZSCHE, 1998, p. 92). Por isso, para Nietzsche, Wagner teria tomado para si o filósofo Schopenhauer como proteção.

O filósofo consegue se manter só. Ele é mais forte devido ao próprio exercício do filosofar, por estar acostumado a reflexões que conduzem seu caminho de forma autônoma e que, por vezes, o levam à solidão.³ Mas “o que significa um verdadeiro *filósofo*

³ O termo “solidão” é utilizado por Nietzsche em diversas passagens e com alguns sentidos. Por vezes, está relacionada à prática filosófica em si, que exige do sujeito uma nova postura diante da vida, baseada numa decisão individual, solitária. Essa perspectiva sobre a expressão é mais existencialista, como uma atitude que permite ao homem (re)inventar-se. Em outro momento, Nietzsche afirma a solidão como algo que nos distingue do espírito congregacionista, de rebanho, ao qual estamos expondo durante nosso estudo na terceira dissertação da Genealogia da moral. Mas ambos os sentidos podem ser percebidos no

render homenagem ao ideal ascético?” (NIETZSCHE, 1998, p. 92). Ou o que significa o ideal ascético para um filósofo?

Para descrever como é possível um filósofo, aquele que estaria acostumado a refletir sobre si e sobre a realidade, render-se aos ideais ascéticos, Nietzsche fala da influência metafísica que Schopenhauer sofreu de outro grande filósofo: Kant. O autor da *Genealogia da moral* afirma que Schopenhauer baseou sua postura estética na concepção kantiana, mas com um olhar um pouco diferente. Nietzsche parte da compreensão de que, para Kant, a arte estava diretamente relacionada aos principais predicados do belo, que, inclusive, estão também relacionados ao conhecimento: impessoalidade e universalidade.⁴ Com isso, para Nietzsche, o grande erro de Kant foi avaliar a arte a partir do “espectador”, contando com sua impessoalidade e com uma interpretação universal, ao invés de fazê-la “a partir da experiência do artista (do criador)” (NIETZSCHE, 1998, p. 93), considerando seus interesses e as possibilidades perspectivistas.

A postura estética kantiana está baseada na interpretação do ser moral, em que o sujeito só age moralmente bem quando não visa *interesse* ou *finalidade* com sua ação, realizando, dessa forma, o imperativo categórico: “Age de tal modo que a máxima da tua vontade possa sempre valer ao mesmo tempo como princípio de uma legislação universal” (KANT, 2004, p. 40). Na experiência estética, só a realizaríamos quando, ao entrarmos em contato com a obra de arte, também não nos encontrássemos com algum interesse ou finalidade predeterminados.

Nietzsche entende que, apesar de Schopenhauer ter

discurso “Do caminho do criador”, que se encontra na obra Assim falou Zaratustra: “Queres, meu irmão, refugiar-te na solidão? Queres procurar o caminho de ti mesmo? Detém-te mais um pouco e escuta-me: ‘Quem procura, facilmente se perde a si mesmo. Todo isolar-se é culpa’, assim fala o rebanho. E, durante muito tempo, pertenceste ao rebanho. A voz do rebanho ainda ecoará também em ti. [...] Queres, porém, seguir o caminho da tua angústia, que é caminho no rumo de ti mesmo? Mostra-me, pois, que tens direito e força para tanto!” (NIETZSCHE, F. W. Assim falou Zaratustra: um livro para todos e para ninguém. Tradução de Mário da Silva. 15. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006, p. 89-91.)”

⁴ Na Crítica do Juízo, Kant examina os valores (juízos) estéticos. O autor concebe os valores estéticos como resultado da liberdade da imaginação e do intelecto. O valor estético está no prazer que determinada obra provoca no ser humano. Mas esse prazer seria diferente daquele que é proporcionado por situações agradáveis e boas. Para Kant, o belo “é o que agrada universalmente, sem relação com qualquer conceito” (KANT, Immanuel. Crítica da Faculdade do Juízo. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1995, p. 34). Sendo assim, o prazer estético, que é universal e impessoal, só se realizará quando estiver totalmente desvinculado de qualquer fim subjetivo (interesse) e objetivo (conceitos). O belo só existe como fim em si mesmo. Apesar de ser impessoal e universal, a arte é contemplada a partir do sujeito e não a partir da obra. Daí a crítica de Nietzsche à postura estética de Kant.

conseguido uma maior aproximação da arte que Kant, ele acabou por permanecer na órbita kantiana, isto é, manteve a perspectiva metafísica da arte e da vida em geral. Isso se deve ao fato de Schopenhauer ter interpretado a expressão “sem interesse” da maneira mais pessoal (NIETZSCHE, 1998, p. 95). Tanto que, para Schopenhauer, a contemplação estética está liberta de toda “vontade”, de qualquer interesse. Mas Nietzsche acusa Schopenhauer de ele próprio não ter compreendido Kant, pois sua interpretação do belo demonstra um grande interesse como fundamento: Schopenhauer, ao assumir uma postura metafísica diante do belo, quer, na verdade, “livrar-se de uma tortura” (NIETZSCHE, 1998, p. 95).⁵ É a negação ou a tentativa de evitar o sofrimento que também guia as perspectivas de Schopenhauer e dos filósofos em geral quando se vinculam a posturas metafísicas diante da realidade.

Ao revisitar a história da filosofia, Nietzsche afirma que “existe uma peculiar parcialidade e afeição dos filósofos pelo ideal ascético”, que utilizam-se dos “instintos”, de uma “finura dos sentidos que está acima de toda razão” para criar as condições favoráveis para expandir sua força e alcançar o máximo de sentimento de poder, denominado “*optimum* de condições favoráveis” (NIETZSCHE, 1998, p. 96).

O filósofo teria horror a toda espécie de intrusões e obstáculos que se colocam ou poderiam se colocar em seu caminho para a afirmação da vontade de poder, isto é, seu *optimum* de condições favoráveis. Por isso, para Nietzsche, os filósofos teriam horror à sensualidade, ao casamento, ao que é tendencioso, ao que provoca “interesse”, vontade, ao que prejudica o desinteresse.

Portanto, ideal ascético para um filósofo significa “como a um *optimum* das condições da mais alta e ousada espiritualidade ele não nega com isso a ‘existência’, antes afirma a sua existência, apenas a sua existência”, produzindo o seguinte desejo perverso: “pereça o mundo, faça-se a filosofia,

⁵ No caso de Schopenhauer, apesar de compreender e “aceitar” o sofrimento como algo imanente à realidade, ele elabora uma possibilidade de alívio para o sofrimento através de uma experiência mística intermediada pela contemplação estética da arte, principalmente da música, proporciona saciedade da vontade (responsável pela angústia e sofrimento da existência humana), mesmo sendo apenas por alguns instantes. Para informações mais detalhadas, ver SCHOPENHAUER, Arthur. O mundo como vontade e como representação. Tradução e apresentação de Jair Barboza. São Paulo: UNESP, 2005.

faça-se o filósofo, faça-se eu!” (NIETZSCHE, 1998, p. 97, grifo nosso). Ao demonstrar a vontade de afirmação de si mesmo, o filósofo expressa sua vontade de poder, mas também demonstra que essa postura estaria acima da compreensão fidedigna da realidade e da aceitação de seu aspecto trágico. Daí o diagnóstico da postura ascética dos filósofos.

Com a aparência de um interesse intelectual, o filósofo assume certas características que são apresentadas como grandes virtudes, mas que nada mais são do que estratégias para o desenvolvimento da sua vontade de poder. Essas características seriam “humildade, pobreza e castidade” (NIETZSCHE, 1998, p. 98). Através desses instrumentos, o filósofo busca afirmar sua vontade de poder de forma tão ambiciosa que se torna incapaz de reconhecer ou distinguir até mesmo a perspectiva apresentada pelos ideais ascéticos das demais vontades.

A filosofia é acusada de estar amparada por ideais ascéticos desde seu início, de só aprender a dar seus primeiros passos através das *andadeiras* do ideal ascético (NIETZSCHE, 1998). E, pela via do desrespeito ao que é natural, à natureza, através de uma *híbris*, a filosofia apresentou um ideal de vida a ser alcançado, uma vida de disciplina e renúncias em busca de algo maior, em busca da “verdade absoluta”.

Para que seus novos ideais fossem aceitos e conhecidos como *thélos*, Nietzsche afirma que os filósofos se utilizaram de certas estratégias, revestindo-se de mitos e aparências, fazendo com que as pessoas os admirassem e os temessem, ou seja, alcançando poder. Mas a principal estratégia dos homens contemplativos apontada por Nietzsche diz respeito à atitude de “violentar dentro de si mesmos os deuses e a tradição, para poderem eles mesmos *crer* em sua inovação” (NIETZSCHE, 1998, p. 105, grifo nosso).

Esse tipo fisiologicamente decadente de homem: o filósofo ascético e o homem religioso buscaram no ideal ascético a forma de aparecer e de se manterem, assumindo, dessa forma, tais ideais como condição de possibilidade de existência, constituindo, com isso, os sacerdotes ascéticos. Essa postura que, apesar da perspectiva ascética, busca a afirmação da

vontade de poder, forma a figura do sacerdote ascético – aquele que independentemente das consequências que suas ideias sobre a vida resultarão, visa, sobretudo, afirmar-se.

Na tentativa de criar alívio para o sofrimento de seus doentes, o sacerdote ascético usa sua inventividade para criar um grande meio de conforto e esperança, as religiões, mais especificamente, o cristianismo, que, de acordo com Nietzsche, é um dos mais “engenhosos meios de consolo, pelo tanto de aliviador, mitigador, narcotizante que há nele acumulado” (NIETZSCHE, 1998, p. 119). A religião seria uma das principais expressões do ideal ascético, pois proporciona o ambiente adequado para a propagação de seus ideais, devido ao fato de compartilhar dos mesmos males, dos mesmos anseios. Existe uma identificação, uma busca em comum por alívio no âmbito psicológico-moral, criando valores que pretensamente prometem ausência de dor e que resultam num sentimento de esperança, isto é, de alívio momentâneo.

A religião é entendida por Nietzsche, portanto, como uma criação do tipo sacerdotal, pelo viés do ideal ascético, no qual sofrendores e doentes se reúnem para buscar alívio, no qual exprimem seus afetos e no qual criam valores morais baseados em puro ressentimento. Tais valores creditam ao próprio homem a culpa de tanto sofrimento, realizando, dessa forma, uma mudança na direção do ressentimento, transformando o homem em pecador. Daí a interpretação de que o corpo é um dos responsáveis pelo sofrimento.

Aqui, os ideais ascéticos proporcionam um anseio sobre alguma redenção, o caminho para a ausência de sofrimento, seja através da luz da razão que proporcionou maior acúmulo de virtudes, seja pelos próprios valores morais, que também resultaram no acúmulo de virtudes, que possibilitam um encontro com Deus. Ou seja, os ideais ascéticos proporcionam o caminho para a busca de algo absoluto, de algum princípio de toda realidade, condição de possibilidade de toda existência, e quando não encontram nada, quando chegam no abismo, no vazio, chamam-no de Deus, acreditam que o vazio é o próprio Deus.

Tais tentativas desesperadas de aliviar o sofrimento resultam

no que Nietzsche denomina “excesso de sentimento”, isto é, uma deficiência dos sentimentos, uma desordem que dificulta a capacidade de percepção do verdadeiro motivo do sofrimento. Portanto, o ideal ascético serve como propósito de excesso de sentimento. É uma das principais estratégias que o sacerdote ascético utiliza para persuadir o sofredor.

Surge, nesse momento, um terceiro aspecto sobre o ideal ascético, considerado por Nietzsche como “o último e mais terrível aspecto” e que contribui para que compreendamos a amplitude do seu significado:

O que significa exatamente o *poder* desse ideal, a *imensidão* do seu poder? Por que lhe foi concedido tamanho espaço? Por que não lhe foi oposta maior resistência? O ideal ascético expressa uma vontade: onde está a vontade contrária, em que se expressaria um *ideal contrário*? (NIETZSCHE, 1998, p. 135, grifo nosso).

Assim como expôs Brusotti, entendemos que “quem esclarece o fato, *que* o ideal ascético tem tantos significados, esclarece, *ipso facto*, o *que* significa seu imenso poder. Nietzsche quer, conclusivamente, justificar que, contra toda aparência, o poder do ideal ascético é inquebrantável” (BRUSOTTI, 2000, p. 10, grifo nosso). Como apontou Nietzsche em relação à ciência moderna, que apesar da aparente contrapartida aos ideais ascéticos, na verdade, tinha-o como fundamento, pois era o anseio metafísico da vontade de verdade que a norteava.

Assumir uma postura baseada em ideal ascético diante da realidade não está limitada à crença cristã de um Ser superior, de um além-mundo, onde não haveria mais pranto e dor. Tanto que uma postura ateia também pode estar vinculada a ideais ascéticos quando se busca um sentido único para a existência, seja através da razão especulativa ou através de experiências empíricas, como a própria filosofia e a ciência, respectivamente. O problema fundamental estaria na tentativa de se negar a realidade como ela é, em seus aspectos trágicos, em tentar justificar ou negar qualquer tipo de sofrimento, em buscar uma “verdade absoluta” que supostamente nos revelaria a fundamentação última da realidade.

O fato de não terem fé em um Deus não significa que os

homens não exerçam fé em outra coisa, visando o mesmo objetivo, encontrar a Verdade. A vontade de verdade, esse horror à falta de sentido, conduz o homem decadente à busca de respostas desesperadamente. Quando surge algo sobre o qual ainda não se tem compreensão, há uma tendência de se buscarem respostas e significados independentemente da coerência necessária. Nesse caso, até mesmo entre os doutos, os cientistas, existem aqueles que não conseguem viver sem respostas, por isso produzem conclusões baseadas em credices ou fetiches. Mesmo que algo não seja demonstrável, tem-se a tendência de creditar valores prematuros àquilo. Para eles, o problema não está no sentido que se dá àquilo, mas na ameaça da falta de sentido.

Nietzsche entende que os ateus acreditam estarem afastados dos ideais ascéticos, no entanto, eles estão tão próximos desse ideal que não conseguem vê-lo. Na verdade, são os mais modernos representantes dele, os legítimos ascéticos da modernidade: “Esses estão longe de serem espíritos livres: eles crêem ainda na verdade” (NIETZSCHE, 1998, p. 138).

Os ideais ascéticos também proporcionam para a ciência moderna uma forma de entender e conceber a realidade como um todo, de dar significado às descobertas científicas que parecem não bastar a si mesmas. Movidos pela vontade de verdade, tais doutos sentem a necessidade de encontrar o sentido de tudo o que é descoberto por suas investigações, resultando numa manipulação ascética da realidade. Tudo isso é conduzido pela “fé no próprio ideal ascético”, assumindo, dessa forma, o mesmo fundamento que haviam criticado nos cristãos, o fundamento metafísico. Por isso, mesmo não acreditando num Deus salvador, a fé metafísica, movida pela vontade de verdade, ainda se faz muito presente nas suas construções valorativas da realidade.

Para a ciência, os ideais ascéticos suprem a necessidade de justificação que sentem, da mesma forma que a vontade de verdade também precisa de uma justificação, contudo os ideais ascéticos conduziram até então esses valores absolutos, não dando chances de questionamento: “O ideal ascético foi até

agora senhor de toda filosofia, porque a verdade foi entronizada como Ser, como Deus, [...] porque a verdade não podia em absoluto ser um problema” (NIETZSCHE, 1998, p. 140).

A partir do momento em que a fé no Deus do ideal ascético passa a ser questionada, essa verdade passa pelo critério da dúvida, passa a existir pelo menos uma suspeita em relação a ela. O valor da verdade passa a ser questionado. Esse seria o objetivo de Nietzsche, colocar o valor da verdade experimentalmente em questão (NIETZSCHE, 1998, p. 140), para, dessa forma, suspender não apenas a crença em um Deus, mas colocar sob investigação a própria fundamentação desse Deus e as tentativas de se criar sentido para a vida baseadas na vontade de verdade e nos ideais ascéticos. Afinal de contas, uma reavaliação do ideal ascético faz com que avaliemos inevitavelmente a própria ciência e também todas as formas de saber (NIETZSCHE, 1998, p. 141). Os ideais ascéticos proporcionam o ambiente ideal para o homem aflito buscar alívio. Seja pela religião, através de tratamentos paliativos, seja com a filosofia e a crença de alcançar a verdade absoluta através da razão, ou até mesmo pela ciência, que se apresenta como o contramovimento do ideal ascético, mas que, na realidade, também é conduzida pela vontade de verdade.

O ideal ascético é o instinto de preservação que paradoxalmente se autoextermina, utilizando de meios culturais. Segundo Valadier (1982):

[...] o ideal ascético não é mais que a tentativa da vida decadente em sobreviver impulsionando longe dela, evitando, o que a contraria. É certo que semelhante ideal pode revestir-se de significações múltiplas e utilizar em seu proveito os universos religiosos ou metafísicos. Mas em si mesmo é um instinto: o de subsistir a qualquer preço (p. 199-200).

3 Conclusão

Portanto, concluímos que os ideais ascéticos significam as condições de possibilidade de homens debilitados fisiologicamente e psicologicamente propagarem ideais metafísicos, que, apesar do discurso e da impressão salvadora,

não alcançam nada de concreto, apenas fetiches, ou seja, alcançam o nada, resultando numa autoaniquilação. O ideal ascético, através do paradoxo da vida que quer viver, mas que luta contra a vida, é caminho para o niilismo passivo. Ainda segundo Valadier (1982):

O asceta, como todos os outros, não tem desejo mais vital que viver; mas este desejo tropeça nele mesmo como uma aparente impossibilidade. Pois, ao mesmo tempo que quer viver, ele não afirma o que é interno a sua própria vida: essa parte de si mesmo a que ele tem horror na medida em que, por medo, não a pode afirmar como sua e a interpreta como má, diabólica, externa a ele. [...] Mas esta negação é uma forma de agarrar-se à vida (200).

O ideal ascético se apresenta como a tentativa desesperada de manter a vida. Mas essa vida que já degenera, acaba por aprofundar ainda mais em sua autoaniquilação. Através do instinto de sobrevivência, aprofunda ainda mais a negação daquilo que realmente lhe traria vida saudável: os instintos naturais, aqueles que afirmam acima de tudo o corpo, sua sensibilidade e sua sensualidade; tudo o que o ideal ascético despreza.

Nietzsche conclui que a solução para o enfrentamento dos ideais ascéticos, no que lhe é fundamental, é se apoderar da consciência do problema da vontade de verdade. Com isso, será possível superar não apenas o Deus cristão, pois isso o ateísmo já o faz, mas ir mais a fundo, enfrentar os valores morais antinaturais. Aí sim os ideais ascéticos seriam superados.

O homem sempre sofreu com a falta de sentido, com a falta de finalidade e com a necessidade de encontrá-la. Mas, segundo Nietzsche, o seu problema não era exatamente o sofrer, era não saber o motivo do sofrimento: “Faltava a resposta para o clamor à pergunta ‘para que sofrer’? [...] E o ideal ascético lhe ofereceu um sentido!” (NIETZSCHE, 1998, p. 149). Essa nova resposta para o sofrimento, que proporcionava a falsa sensação de resposta, fazendo crer que a lacuna havia desaparecido, na verdade, criava mais sofrimento, era ainda mais nociva à vida.

Todo sofrimento havia sido interpretado sob a perspectiva da *culpa* e do *pecado*. Dessa forma, não importava o sofrimento, pois havia um sentido para ele. Agora havia uma finalidade, agora ele podia querer algo: não importava com que meio ele

queria, com que fim, o que importava era que “a vontade mesma estava salva” (NIETZSCHE, 1998, p. 149), a sua vontade de verdade, da verdade, estava assegurada.

Esse querer era guiado pelo ideal ascético, pelo *horror ao vácuo*. Todo ideal ascético que guia esse querer é, na verdade, uma vontade de nada, uma aversão à vida, a negação dela, “mas é e continua sendo uma vontade!” Pois “o homem preferirá ainda *querer o nada a nada querer*” (NIETZSCHE, 1998, p. 149, grifo nosso).

Referências

- AZEREDO, Vânia Dutra de. *Nietzsche e a dissolução da moral*. São Paulo: Discurso Editorial; Ijuí: Editora UNIJUÍ, 2003.
- BRUSOTTI, Marco. Ressentimento e vontade de nada. *Cadernos Nietzsche*, São Paulo, n. 8, p. 3-34, 2000.
- KANT, Immanuel. *Crítica da Faculdade do Juízo*. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1995.
- KANT, Immanuel. *Fundamentação da metafísica dos costumes*. Lisboa: Porto Editora, 2004.
- MARQUES, Antônio. *A filosofia perspectivista de Nietzsche*. São Paulo: Discurso Editorial; Ijuí: Editora UNIJUÍ, 2003.
- NIETZSCHE, F. W. *Genealogia da moral: uma polêmica*. Tradução, notas e posfácio de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- NIETZSCHE, F. W. *Assim falou Zaratustra: um livro para todos e para ninguém*. Tradução de Mário da Silva. 15. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.
- SCHOPENHAUER, Arthur. *O mundo como vontade e como representação*. Tradução e apresentação de Jair Barboza. São Paulo: UNESP, 2005.
- SOUSA, Mauro Araújo de. *Nietzsche asceta*. Ijuí: Editora Unijuí, 2009.
- VALADIER, Paul. *Nietzsche y la crítica del cristianismo*. Tradução de Eloy Rodrigues Navarro. Madrid: Ediciones Cristiandad, 1982.

Nietzsche's critique of the Western culture through the meaning of the ascetic ideals

Abstract:

This article aims to present Nietzsche's critique of the Western culture and its relation with the ascetic ideals. We departed from Nietzsche's perspective that the Western culture faces decadence due to the values traditionally established. Men who had already presented a hierarchical disorganization of power, toward horror of the vacuum, toward the meaningless of existence, searched for subterfuge that could enable the relief of the immanent suffering, the tragic reality and the affirmation of the will to power. In order to do so, they hang on the ascetic ideals as references to create anti natural values and metaphysical hopes, among them the concept of God. Toward the horror of the vacuum, it appears a necessity to search for answers and relief to all the suffering. Then they choose to use a idealizing of life manipulation, in which they believed that there was a purpose to any reality. So the ascetic ideals arise as basis to build the culture, searching for way to manipulate the reality as tragic as well as the gap of sense and purpose for of the existence. Thus, we adopted as a central point the analysis of the third dissertation form the *On the Genealogy of Morality*, aiming to present the ascetic ideals and their relation with the main cultural expressions: arts, philosophy, religion and science.

Keywords: philosophy of culture; ascetic ideals; Friedrich Nietzsche

Enviado: 08-16-2012

Aprovado: 2012-12-27